

UM ELOGIO AO HÍBRIDO: PROCESSOS DE LEGITIMAÇÃO DE CONHECIMENTOS POPULARES DE UMA COMUNIDADE DO MOVIMENTO SEM TERRA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Gabriela Furlan Carcaioli – UNICAMP

Agência Financiadora: CAPES

Introdução: a pesquisa e seu caminho metodológico

As práticas cotidianas e culturais da comunidade¹ de um pré-assentamento rural do Movimento Sem Terra (MST), Assentamento Elizabeth Teixeira dirigem este trabalho para as seguintes questões de investigação: como a legitimação de conhecimentos científicos desestabilizam as artes de fazer populares? Quais táticas desenvolvem os sujeitos praticantes do cotidiano na produção de conhecimento? Como referências culturais e simbólicas de grupos de poder interferem nas práticas cotidianas? Que recontextualizações são produtivas na produção de híbridos culturais a partir das disputas entre conhecimentos científicos e cotidianos?

O pré-assentamento Elizabeth Teixeira está localizado nas margens da rodovia Anhanguera no município de Limeira – SP desde 2007. Devido à privilegiada localização geográfica – à beira de uma das principais rodovias paulista – é uma região de grande interesse político e econômico, principalmente para grandes indústrias que almejam ali se fixarem, visando um escoamento fácil e rápido de suas produções.

A comunidade que ali se fixou é hoje constituída por cerca de cento e quatro famílias, oriundas de diversas localidades do país, que construíram seus barracos, plantaram suas roças e praticam diariamente o cotidiano de um movimento social na luta por um bem comum – a terra. O sonho com a terra significa, para cada indivíduo, o interesse comum que os impulsionam a viverem na comunidade, dividirem espaços comuns, construírem discursos coletivos e trocarem conhecimentos próprios na busca pelo conhecimento híbrido, o coletivo, o popular; ignorado na maior parte desses quase sete anos de assentamento em razão apenas do valor da terra e da entrada de um movimento social na cidade, desestabilizando uma cultura elitista e poderosa preponderante na cidade.

Diante disso, essa pesquisa de mestrado, ainda em andamento, se assenta em princípios metodológicos antropológicos (Geertz, 1989 e Malinowski, 1976), com registros em diários de campo, imagens e entrevistas. As entrevistas produzem

¹ É importante sinalizar que me afasto aqui do conceito sociológico de “comunidade” advindo da Teologia da Libertação, para me aproximar de um conceito mais antropológico da palavra, tratado como “conceito deslizando” pela antropóloga Durham, Eunice Ribeiro, 1972.

narrativas dos sujeitos praticantes do cotidiano do acampamento. Tais narrativas são apresentadas em forma de mônadas, que são fragmentos de história prechos de significação e brechas através das quais é possível visualizar aspectos de um tempo e um lugar social (Benjamin, 1975; Rosa, et. al. 2011). Os fragmentos de história são produzidos a partir de excertos das narrativas, buscando um recorte que focalize uma possibilidade de significação para a história contada.

Considerando-se que o processo de legitimação de um determinado conhecimento é um acontecimento que não pode ser visto fora de uma perspectiva cultural, pensar as práticas curriculares, tanto na perspectiva crítica como na pós-crítica e ainda a partir dos Estudos Culturais, pode ser uma tentativa de redefinir o trabalho cultural como ato de cidadania, reiterando a ideia de justiça política e social, concordando com as palavras de Giroux:

Correndo o risco de uma generalização exagerada, pode-se afirmar que ambos os teóricos dos estudos culturais e os educadores críticos realizam formas de trabalho cultural que situam a política na inter-relação entre as representações simbólicas, a vida cotidiana e as relações materiais de poder; os dois grupos abordam a política cultural como o “local de produção e luta pelo poder”², e o aprendizado como o resultado de disputas diversas, ao invés da recepção passiva de informações. (Giroux, 2003, p.150)

Assim, a cultura pode apresentar-se como um terreno de contestação, de relação com o mundo, no contexto observado - o cotidiano da pós – modernidade - que pode vir para oferecer a narrativa periodizante das transformações globais do capital, engendradas no capitalismo tardio multinacional podendo, talvez, desestabilizar o processo histórico através da significação do “sujeito” (Bhabha, 2007).

Narrativas: as mônadas

As mônadas apresentadas abaixo foram construídas a partir das narrativas de histórias de vida de dois moradores do pré-assentamento: Cacá (nome fictício), 54 anos, cursou escola até a 2ª série do Ensino Fundamental e Sr.Oziel (nome fictício), 70 anos, estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental. As narrativas e as imagens, dos lotes

² Lawrence Grossberg, “Bringing It All Back Home – Pedagogy and Cultural Studies”, em Henry A. Giroux and Peter McLaren, ed., *Between Borders: Pedagogy and Politics of Cultural Studies* (New York: Routledge, 1994), p.248.

individuais de cada um, foram coletadas durante a pesquisa de Campo no Pré-Assentamento Elizabeth Teixeira no ano de 2013. A terceira mônada foi coletada em um Fórum de Agroecologia em novembro de 2012, onde acompanhei Sr.Oziel.

Mônada 1

Fui eu que plantei!

Hoje, eu tenho 54 anos e é muito gostoso lembrar tudo que eu vivi, que era colher, comer; tudo que eu planto eu colho, é gratificante ir lá na roça, colher meu milho, fazer um curau, uma delícia. Colher uma manga, acerola, abacaxi, tudo isso tem outro sabor; para mim tem outro sabor por que fui eu que plantei. Eu plantei tudo sem veneno, sem agrotóxico, sem nada, só um pouco de esterco. Mas é uma coisa bem natural, bem gostosa, bem gratificante. Acabei me apaixonando por aqui, pela terra, pelo que eu faço. (Cacá)



Mônada 2

Um projeto para plantar mandioca

Por aqui aparecem muitas pessoas da universidade querendo fazer projetos, outro dia uma professora me ligou, ela despencou a falar de projetos e mais projetos. Eram sete projetos diferentes, sete!!! Um dos projetos era para uma menina vir aqui e ensinar a gente o manejo do solo para plantar mandioca. Eu não acreditei que estava ouvindo aquilo: mandioca? Olha aqui, nesse assentamento inteiro, você acha que estamos precisando aprender a plantar mandioca? Nossa, fiquei muito brava com aquilo, dei a maior bronca nela e agora começamos a proibir um monte de projetos aqui dentro. É muito bonito escrever projeto sobre Sem – Terra, mas aqui já fizeram um monte e a maioria não foi para frente ou nunca terminaram, com a quantidade de projetos que eles sempre fizeram aqui, era para esse assentamento estar uma maravilha. (Cacá)



Mônada 3

Explicação meia - régua



“Fiz aquela pergunta ali, para ver se o senhor incorporava, foi para te dar um toque, eu já sabia a resposta... mas perguntei por que tem muita gente aqui que não sabia. Então eu acho, que quando vocês vão falar, tem que dar uma explicação, meio “meia régua”. Me desculpe estar falando, mas acho que vocês tem que começar a pensar nisso!”(Sr.Oziel – fala pública no Fórum de Agronegócio)

Mônada 4

Orai-por-nós



Olha isso aqui, chama "Ora-pro-nobis", tem que comer a folha. Eu abrisse e chamo de "Orai por Nós". Outro dia um agrônomo veio aqui, eu expliquei para ele o que era. Ele comeu um pouquinho, e aí no outro dia ele voltou, ele foi fazer pesquisa na internet, veio aqui e levou um saco cheio de folhas. Colocou na geladeira e disse que vai comendo agora aos poucos, todos os dias. É igual a proteína da carne! Você vê que eu tenho muita força, não fico doente, me alimento disso daqui. Essa planta era usada pelos escravos, eles comiam e principalmente davam para as crianças, pois ela é muito rica em proteínas, como a proteína da carne. (Sr.Oziel)

Discussão e conclusões: um elogio ao híbrido

Observando as mônadas apresentadas, percebo pistas de artes de fazer (Certeau, 2012) cotidianas³ dos sujeitos praticantes do contexto local - o Pré-Assentamento - e as tensões no processo de legitimação de seus conhecimentos cotidianos, populares.

Tais artes de fazer parecem se desenvolver e se legitimar dentro de quadros culturais específicos (Hall, 2003) onde cada conhecimento apresenta características particulares, fazendo parte de uma estrutura social que endossa sua legitimidade.

Nesta discussão, a ideia do híbrido pode ajudar na discussão sobre redes de conhecimentos. Inspirada em Lopes (2005), afirmo que o híbrido pode surgir como expressão máxima da interpenetração entre culturas distintas e plurais. Os pluralismos culturais (Lopes, 2000) nos remetem à ideia de culturas híbridas, culturas múltiplas (Canclini, 2003), conhecimentos múltiplos, sem necessariamente eliminar os binarismos (Matos e Paiva, 2007).

Desta forma, o conceito de hibridismo opera num espectro de possibilidades de sentidos e legitimações e não um discurso metanarrativo (Bhabha, 2001), à medida que se abram possibilidades de emergir escapes, ambivalências e desarticulação de autoridade instituída, em processos de negociações, podendo gerar espaços para novas produções e deslizamentos teóricos (Matos e Paiva, 2007).

Nesse movimento, a hibridação implica num movimento de tradução (Lopes, 2005), enfocando a cultura como um território de diferenças que precisa permanentemente de traduções (Bhabha, 2007 e Hall, 2003). São as diferentes formas de se fazer essa tradução e de quem a faz, que delimita os espaços e procura diluir os conflitos (Matos e Paiva, 2007).

Não perdendo de vista as práticas de currículo:

As hibridizações não são entendidas como superação das hierarquias e dos mecanismos de opressão, e tampouco como produtoras de consensos entre as diferenças. Há relações de poder oblíquas que favorecem determinados sentidos e significados em detrimento de outros nos processos de negociação, nos quais os deslizamentos de sentidos são formas de escape da opressão. Cabe à investigação das

³ Para Certeau, o cotidiano é o local do encontro, onde a cultura transborda, onde os sujeitos se ressignificam e se transformam (Certeau, 2012)

políticas de currículo entender o que é privilegiado. (Lopes, 2005, p.60-61)

Para tanto, acredito que a consideração do conhecimento híbrido implica uma virada cultural no sentido de romper hierarquias entre conhecimentos, cabendo às políticas de currículo entender o que é privilegiado (ibid.).

Referências Bibliográficas

1. BENJAMIN, W. "A *Obra de Arte na Época das suas Técnicas de Reprodução*". In: Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Col. Os Pensadores. Vol. XLVIII.
2. BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.
3. CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
4. CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. 18ª. Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
5. DURHAM, E.R. *Comunidades in: A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*, São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.219 – 225.
6. GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 1989.
7. GIROUX, H.A, *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*, Porto Alegre: Artmed, 2003.
8. HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
9. LATOUR, Bruno. *Jamais fomos Modernos*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p.7-17.
10. LOPES, A.C., *Conhecimento Escolar e Conhecimento Científico: Diferentes Finalidades, Diferentes Configurações*, in: Currículo e Epistemologia, Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.
11. _____. *Políticas de Currículo: Recontextualização e Híbridismo*. Currículo sem Fronteiras, v.5, n.2, p.50-64, Jul/Dez 2005.
12. MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
13. MATOS, M.do C.; PAIVA, E.V. *Híbridismo e Currículo: ambivalências e possibilidades*, Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, Jul/Dez 2007, pp. 185-201.

14. ROSA, M.I.P., et.al., *Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo*. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp198-217, Jan/Jun 2011.